ESPAÇO EM REVISTA
ISSN: 1519-7816
https://periodicos.ufcat.edu.br/espaco

MÁRTIRES DA FÉ CATÓLICA E SEUS SIMBÓLICOS FEMINICÍDIOS

Orlando Caldeira de Farias Junior[1]
Ellen Cristina dos Santos Oliveira [2]

Como citar: UNIOR, Orlando; OLIVEIRA, Ellen Cristina dos Santos. MÁRTIRES DA FÉ CATÓLICA E SEUS SIMBÓLICOS FEMINICÍDIOS. **Espaço em Revista**, Catalão, v. 26, n. 2, p. 178–201, 2024. DOI: https://doi.org/10.70261/er.v26i2.74776 Disponível em: https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/espaco/article/view/74776

Esta obra está licenciada com uma Licença CC BY 4.0. Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

Recebido: 19/08/2024 | **Aceito:** 16/12/2024 | **Publicado:** 16/12/2024

Resumo

O artigo propõe uma análise de quatro mulheres brasileiras que foram assassinadas e posteriormente ganharam o título de beatas pela Igreja Católica. O objetivo central deste estudo é examinar o processo de construção da devoção popular à beatificação e, por meio do interacionismo simbólico, estabelecer uma conexão entre os assassinatos e o conceito de feminicídio. Fundamentado na Geografia da Religião e na História Religiosa, o texto desenvolve uma análise espacial e histórica dos túmulos e templos erguidos em memória dessas mulheres. A partir do arcabouço teórico, é formulada a ideia do feminicídio simbólico, uma vez que, embora os homicídios tenham ocorrido antes da promulgação da legislação sobre o feminicídio, a dinâmica espacial que envolve a materialidade pós-morte das beatas revela uma profunda comoção e sensibilidade entre os devotos.

Palavras-chave: Martírio. Geografia da Religião. História Religiosa. Beatas. Emoções.

MÁRTIRES DE LA FE CATÓLICA Y SUS FEMINICIDIOS SIMBÓLICOS

Resumen

El artículo analiza a cuatro mujeres brasileñas que fueron asesinadas y posteriormente reconocidas por la Iglesia Católica como beatas. El objetivo central de este estudio es examinar el proceso de devoción popular a la beatificación y, mediante el interaccionismo simbólico, establecer una conexión entre los asesinatos y el concepto de feminicidio. Basándose en la Geografía de la Religión y la Historia de la Religión, el texto análisis histórico de las tumbas y templos erigidos en memoria de estas mujeres. A partir de este marco teórico, se formula la idea de feminicidio simbólico antes de la promulgación de la legislación sobre el feminicidio, la dinámica espacial que la materialidad post mortem de las beatas revela una profunda conmoción y sensibilidad entre los devotos.

Palabras clave: Martirio. Geografía de la Religión. Historia Religiosa. Feminicidio. Emociones.

[1] Doutorando do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, São Paulo (SP), Brasil, e-mail: orlandocfjunior@yahoo.com.br
[2] Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, São Paulo (SP), Brasil, e-mail: ellencristinasoliveira@gmail.com

Introdução

O artigo inicia os estudos de mártires católicas por meio de um devocionário que ganhou força nos últimos anos. Em Consolação, município do Sul de Minas Gerais encravado na Serra da Mantiqueira, visitamos a bonita e imponente Paróquia Nossa Senhora da Consolação, que ao longe, o visitante consegue avistá-la. Em setembro de 2021, os autores encontraram alguns *santinhos católicos* e um deles nos chamou atenção: era o de Maria Amida Kammers, cujos devotos que trilhavam o Caminho da Fé, importante rota peregrina brasileira que tem em seu itinerário a pequena Consolação, depositaram *santinhos* com essa devoção popular que para nós era totalmente desconhecida.

Foi analisada sua devoção e história e outras inúmeras devoções marginais[3] pelo Brasil, cujas pessoas são conhecidas como *milagreiras*, pois não estão na trilha da canonização católica, portanto, inexistentes de sua hagiografia. O que muitas mulheres têm em comum com Maria Amida Kammers é a morte violenta que mexe com o imaginário popular e comove multidões com cultos ímpares e devotos fervorosos. Então, os estudos foram aprofundados e foram encontradas situações particulares nas quais a Santa Sé classificou mulheres brasileiras como mártires, as beatificando e abrindo caminho para possíveis canonizações.

,No artigo, o objeto estudado são mulheres martirizadas entre o fim do século XIX e meados do século XX, , tendo como formalidade do objeto como se deu o martírio delas e com delimitação a quatro mulheres católicas beatificadas por razões semelhantes: Albertina Berkenbrock, Benigna Cardoso da Silva, Isabel Cristina Mrad Campos e Lindalva Justo de Oliveira. Algumas não se encontram no estado da arte em artigos voltados para estudos da Ciência da Religião, e como há pouca produção na Geografia da Religião e História Religiosa será aplicado a essas disciplinas auxiliares uma associação espaço/tempo no objeto, justificando assim, a construção do trabalho.

Dessa forma, a construção da pesquisa está pautada em analisar a vida dessas mulheres e debater a construção do seu devocionário analisando a questão espaço/tempo, tal qual, se a veneração a elas é conexa com sua condição de pureza à fé, ou indignação pela brutalidade de suas mortes associado ao conceito de feminicídio.

Surge então o questionamento: seu devocionário e identidade católica se dão pelo fato de perecerem sem sofrer violação sexual, ou por serem lembradas como símbolo de

[3] Conceito criado pelo filósofo e teólogo José Carlos Pereira, quando as manifestações religiosas não estão conexas às instituições eclesiais.

resistência? Junto do arcabouço teórico escolhido, por meio dos aspectos culturais, sociais e de gênero, o artigo aspira responder à problematização proposta construindo a hipótese de um feminicídio simbólico, haja vista que as mortes foram ocorridas antes da promulgação da lei do feminicídio no Brasil

Metodologia

Para coleta de dados, a pesquisa netnográfica foi instrumental importante, haja vista o número baixo de produções acerca do objeto na literatura, assim como pesquisa documental. Ambas as formas são respaldadas em Gil (2008, p. 51), quando o autor informa que:

> O desenvolvimento da pesquisa documental segue os mesmos passos da pesquisa bibliográfica. Apenas há que se considerar que o primeiro passo consiste na exploração das fontes documentais, que são em grande número. Existem, de um lado, os documentos de primeira mão, que não receberam qualquer tratamento analítico, tais como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc. De outro lado, existem os documentos de segunda mão, que de alguma forma já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas etc.

Aqui, será aplicado os documentos de primeira mão, e ao longo do artigo serão exibidas fotografias e reportagens sobre as beatas, pautadas em fragmentos da análise de discurso como propõe Gill (2008), em que ela (análise de discurso) "não pode ser usada para tratar os mesmos tipos de questões com **os enfoques tradicionais**. Ela sugere, ao invés, **novas questões ou maneiras, de reformular as antigas**" (p. 245, grifo nosso).

Uma das maneiras de reformular, como propõe a autora, é de ler o fenômeno religioso através da Geografia da Religião, "pois ela deve ser compreendida como o estudo da ação desempenhada pela motivação religiosa do homem [4] em sua criação e sucessivas transformações espaciais" (Rosendahl, 2018, p. 276), pois, como diz Usarski (2007, p. 174), o número de produções acadêmicas de estudo do fenômeno religioso pela Geografia é precário.

A Geografia da Religião no artigo apresenta autores que auxiliam na compreensão das transformações espaciais oriundas do que Rosendahl altiva como transformação espacial. Para compreensão das alterações espaciais ao longo do tempo, a pesquisa apresenta as *paisagens cerimoniais* de Fickeler (1999), que englobam o molde que a fé transmite ao espaço, ao passo que Silva (2016), pela *tipofilia* de Tuan (1980) analisa a Geografia das Emoções, onde

[4] Expressa a opinião da autora. Os autores optam pelo substantivo polissêmico humanidade, mas a opção foi manter o texto original de Rosendahl.

apresenta o luto e as relações emocionais com os lugares como elementos de transformação espacial. A paisagem cerimonial e a Geografia das Emoções dialogam com o conceito da *paisagem de memória* analisado por Torres (2013), que consiste na experiência, memória e valores construídos pelas pessoas e que configuram o construto da paisagem.

Para o estudo da transformação paisagística onde encontramos as sepulturas e templos erguidos às beatas, se faz necessário analisar a historicidade da construção espacial. Santos (2006) apresenta a historicização da Geografia, que consiste em fazer da Geografia uma ciência histórica. Tal e qual, o artigo possui em seu referencial teórico a História Religiosa, área que "foi desenvolvida e caracterizada por tratar apenas de uma religião, em uma postura interpretativa-crítica-investigativa, e não, comparativamente, de duas, três ou várias religiões ao mesmo tempo" (Prado; Silva Junior, 2014, p. 23), ou seja, o artigo analisa a religião católica e suas configurações espaciais no Brasil em quatro casos, como também, analisar interpretativamente (referencial teórico), crítica (problematização) e investigativa (hipótese).A hipótese de feminicídio simbólico parte da premissa do interacionismo simbólico e leitura de Gil (2008, p. 23) sobre o método. Para o autor:

> A sociedade é constituída de pessoas que atuam em relação às outras pessoas e aos objetos em seu ambiente com base nos significados que essas pessoas e objetos têm para aquelas. Esses significados, por sua vez, surgem da interação que cada pessoa tem com as outras e são estabelecidos e modificados mediante um processo interpretativo. [...]Os interacionistas atribuem peso significativo aos símbolos no processo de comunicação humana.

A construção da hipótese é conexa com a construção do imaginário religioso que se desenvolve diante das mortes das mulheres, e a devoção popular que ocorreu muito antes de suas beatificações. Esse símbolo de fé construído, à luz de Gil, é a interação entre a devoção da pessoa fiel com a pessoa morta, que se modifica através dos tempos e é materializada na transformação do espaço, apresentada com as categorias de análise que a Geografia da Religião apresenta.

Beatas martirizadas, feminicídio simbólico e relatos de fé: breves notas

No dia 9 de março de 2015, a Lei do Feminicídio (13.104/2015) foi aprovada no Brasil. A partir de então, assassinatos de mulheres envolvendo violência doméstica e questões de gênero passaram a ser qualificados como crimes hediondos, com penas de até 30 anos de reclusão.

A proposta foi elaborada pela Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) da Violência contra a Mulher e sancionada pela então presidente em exercício no país, Dilma Rousseff. Para trazer a discussão do que de fato ocorreu com as mulheres pesquisadas, com

relatos de mulheres que sofreram violência anterior à promulgação dessa Lei, que hoje se enquadraria como feminicídio e que são consideradas beatas martirizadas.

Nascida no dia 11 de abril de 1919, em Imaruí, município catarinense conhecido como a *Pequena Joia do Litoral*, Albertina Berkenbrock é filha dos agricultores Henrique Berkenbrock e Josephina Böing, casal fervoroso na fé católica e devoto da Virgem Maria e São Luiz Gonzaga.

Albertina rezava com os pais diariamente, ajudava no roçado e era gentil e dócil com qualquer pessoa. Um homem que trabalhava para seus pais, conhecido como Maneco Palhoça, cobiçava a menina de apenas 12 anos, que, segundo relatos, era descrita como uma jovem muito bonita e de corpo desenvolvido para a tenra idade, não aparentando estar somente na pré-adolescência (Cruz Terra Santa, 2012).

Em 15 de junho de 1931, Albertina foi atrás de um boi que se perdeu do rebanho e não sabia que esses seriam seus últimos passos em vida. Na busca pelo bovino, Maneco, permeado de libertinagem, aproveitou-se da situação e tentou estuprá-la, que, resistindo ao ato, teve o pescoço perfurado com o canivete de seu agressor, perecendo instantaneamente. Em 20 de outubro de 2007, Albertina passou a ser detentora do título de beata pela Igreja Católica, sendo beatificada pelo Papa Bento XVI em um processo iniciado em 1952. Já seu algoz, após ser preso, acabou falecendo no presídio onde cumpria sua pena (Cruz Terra Santa, 2012).

Dez anos após a morte de Albertina, é ceifada a vida de outra pré-adolescente brasileira. Benigna Cardoso da Silva nasceu no dia 15 de outubro de 1928 em Santana do Cariri, município do Ceará que faz divisa com Pernambuco e é detentora de sítios arqueológicos e paleontológos. Muito educada e gentil, dedicava-se muito aos estudos e à fé católica.

Em 24 de outubro de 1941, Raul, um adolescente de 17 anos, cobiçava a jovem Benigna, e, revestido de cólera pelas investidas frustradas para ter seu desejo sexual atendido, tentou o estupro. Benigna resistiu, e Raul, com um facão em suas mãos, a golpeou, tirando sua vida atrozmente aos 13 anos (Pinusa, 2022). Assim como Albertina, Benigna tornou-se beata da Igreja Católica e venerada pelos fiéis, com especial devoção no Ceará.

Sua beatificação teve autorização do Papa Francisco em 2019, onde iria ocorrer em 2020, mas devido ao período pandêmico da Covid-19, teve a data postergada para 24 de outubro de 2022, em cerimônia presidida pelo Bispo da Diocese de Manaus, Leonardo Ulrich Steiner. Já seu homicida foi internado, cumpriu medida socioeducativa e liberado (Pinusa, 2022).

Nascida em 1962 no município mineiro de Barbacena, Isabel Cristina Mrad Campos mudou-se para Juiz de Fora, Zona da Mata mineira, visando fazer um curso pré-vestibular. Buscando ingressar em medicina na Universidade Federal de Juiz de Fora, também tem sua morte semelhante à das mártires anteriores. Em 1º de setembro de 1982, um homem, encarregado de montar um guarda-roupa onde estava alojada, tentou estuprá-la. Isabel resiste, mesmo tendo suas vestes rasgadas e golpeada com uma cadeira. Foi assassinada com crueldade, golpeada com 15 facadas (Estado de Minas, 2022).

Foi beatificada pela Igreja Católica quase dois meses após a beatificação de Benigna, em 10 de dezembro de 2022. Seu assassino, Maurilio Almeida de Oliveira, fugiu da penitenciária no 13º ano em que cumpria pena. Ele faleceu em 2004 (G1, 2022).

A quarta e última mártir, Lindalva Justo de Oliveira, nasceu em 20 de outubro de 1953 no município potiguar de Açu. Ela era a sexta filha de 14 irmãos, e na adolescência, mudou-se para a cidade do Natal, capital do estado, e lá foi morar com um de seus irmãos mais velhos. Conheceu as Filhas da Caridade, instituição religiosa da qual teve grande apreço e forte identificação. Foi admitida à ordem religiosa em 1989, em missa solene celebrada por Dom Helder Câmara (Arquidiocese de Salvador da Bahia, 2022).

Seu algoz foi Augusto de Silva Peixoto. Pessoa em condições de extrema vulnerabilidade social, recebia alimentação onde Lindalva cumpria seu papel missionário. Apaixonou-se por ela, mas Lindalva não cedeu seus caprichos. Como não teria relações sexuais com consentimento, no dia 9 de abril de 1993, Augusto desferiu 44 facadas, tirando sua vida e pondo fim ao amor platônico que sentira. Foi preso e cumpre sua pena em um hospital de custódia e tratamento psiquiátrico. (Arquidiocese de Salvador da Bahia, 2022).

Assim como as demais, Lindalva tornou-se beata da Igreja Católica, sendo contemporânea de beatificação de Albertina, no dia 2 de dezembro de 2007. Entre o assassinato e a beatificação, Lindalva foi uma das quatro que teve o trajeto mais curto, onde sua vida religiosa tornou-se o atalho à velocidade do processo eclesial.

Após a breve apresentação da história de como essas mulheres figuram como modelo de vida e fé pela preservação de sua castidade em obediência aos seus princípios católicos, surge a seguinte problematização: essas mulheres foram vítimas de feminicídio? Embora seja evidente a motivação dos crimes estar pautada no fato de serem mulheres e não consentirem ao desejo sexual de seus carníficies, emerge a reflexão de que o homicídio às mulheres:

> Não é algo novo nem diferente, sempre existiu e talvez, seja essa a questão. Afinal, não há como negar torpeza na ação de matar uma mulher por discriminação de gênero. Mas esse entendimento não era uniforme. Daí a pertinência da nova Lei,

> para dizer que todas essas situações configuram indiscutivelmente crime hediondo. Nos crimes anteriores a 10 de março de 2015 o motivo torpe continua sendo possível. O que não se pode é aplicar a Lei nova (13.104/15) para fatos anteriores a ela (Bittencourt; et al., 2018, p.3-4).

Consoante à lei, homens não podem ser condenados por feminicídio em crimes antes da data de sua promulgação, ou seja, legalmente, as beatas mártires não são vítimas de feminicídio. Recorrendo à História Religiosa, se elas vivessem nos primórdios do cristianismo, todas seriam santas. Uma observação inicial e bastante pertinente é a da constatação de que, na História do Cristianismo, a ideia de santidade altera-se conforme as mudanças ocorridas em cada época, a partir das suas necessidades religiosas e até mesmo sociais e políticas:

> Se, na Antiguidade, o santo é o mártir, que derramou seu sangue pela fé, a partir do século IV, a santidade é determinada não pela morte gloriosa, mas pela vida de sacrifícios e de sofrimentos na defesa da fé cristã, frente ao poder imperial e às heresias, caso do santo confessor, bispo ou monge (Silva, 2012, p. 189).

A autora faz menção que, antes do século IV, ser martirizado pela causa cristã era considerado um ato santifico, tanto que mulheres cristãs como Santa Ágata, Santa Cecília e Santa Luzia tiveram *status* de santas católicas por circunstâncias semelhantes àquelas vividas por essas quatro brasileiras. Portanto, recorrendo à História Religiosa, entendemos a razão pela qual não foram santificadas e, em conformidade à lei e o resultado da CPMI, tão pouco são vítimas de feminicídio.

Contudo, a pesquisa engloba a ideia de conotação simbólica a seus martírios, pois a História Religiosa "permite interpretar os processos de degradação e fluxos de transição das culturas religiosas, revelando uma tipologia dos modelos de religiosidade de cada época, em suas diversas estruturas cognitivas, imaginárias e simbólicas" (Prado; Silva Junior, 2014, p. 23).

Seguindo a linha de raciocínio dos autores, no imaginário popular, tais mulheres foram mortas pela pureza de seus corpos e não se entregam ao pecado, que, à luz da História Religiosa, pode ser classificado como um ato de *feminicídio simbólico*. Tendo em vista uma vez que o crime, embora não sendo transcrito até 2015 de forma legal, expressa um ato simbólico dele, materializado nas longas peregrinações aos túmulos e capelas destinadas às beatas.

Sendo assim, do mesmo modo pelo qual Santa Maria Goretti foi canonizada em 24 de junho de 1950 pelo Papa Pio XII, futuramente, o *feminicídio simbólico* pode ser o embrionário de futuras canonizações às quatro mártires do Brasil. A canonização de Santa Maria Goretti foi como a das beatas brasileiras, ou por outra, resistiu às investidas de seus verdugos e à tentativa de desfloramento. Tinha 12 anos, mesma idade que Albertina, sendo morta como Lindalva com golpes de faca. Não fora santa mártir como as anteriores do século IV: passou pela beatificação antes da canonização, isto é, as beatas brasileiras podem passar pelo mesmo processo.

Paisagens concretadas em memórias e sentimentos

Com a Geografia da Religião, foram verificadas as metamorfoses espaciais reproduzidas nos túmulos dessas mártires. Mas antes, importante justificar a viabilidade de leitura do objeto pelo ponto de vista da Geografia: "Para os geógrafos, os objetos são tudo o que existe na superfície da Terra, toda herança da história natural e todo resultado da ação humana que se objetivou" (Santos, 2006, p.46). Embora pareça jactância, o "tudo" representa a ação antrópica em meio à historicidade do ser humano.

Pois bem, o geógrafo Milton Santos acresce que "a partir do entendimento que tivermos do que deve ser o objeto da disciplina geográfica, ficamos em condições de tratar, geograficamente, os objetos encontrados" (Santos, 2006, p. 49). A priori, para responder à problematização se essas mulheres foram ou não vítimas de feminicídio, trabalhamos a hipótese de um *feminicídio simbólico*, e que neste item, incluiremos o objeto geográfico.

Como? A questão histórica na Geografia é a de que, no objeto geográfico, é possível "historicizar, isto é, a considerar o espaço como fenômeno histórico, a geografizar, isto é, a produzir uma geografia como ciência histórica" (Santos, 2006, p.25). Essa produção geográfica a partir da história se dá pelo contexto de inclusão dessas mulheres que, mortas horrendamente, dão aspecto singular à paisagem, pois segundo Milton Santos, ela (paisagem) não é um elemento superficial, mas sim, vai além da visão: são também cores, sons e odores, ou seja, tudo que nossa vista abarca (Santos, 1988, p. 61).

Um exemplo desta configuração espacial construída por meio de um fato histórico são os ex-votos. A História Religiosa "busca entender o *surgimento*, as *permanências* e *descontinuidades* dos fenômenos religiosos, postos no tempo e no espaço, de um determinado universo social" (Prado; Silva Junior, 2014, p. 25, grifos dos autores). Portanto, se faz necessário entender o surgimento do ex-voto, que se dá no construto histórico da última

memória viva de Benigna. A permanência do fenômeno religioso se dá na figura 1, de onde se avista o espaço (local) e tempo (atemporalidade do martírio) na concretude paisagística.

Figura 1 - Ex-votos com a roupa de Benigna durante o assassinato



Fonte: El Pais (2021).

Figura 2 - Imagem de Benigna com a roupa em que foi assassinada



Fonte: UOL (2022).

Figura 3- Crianças vestidas como Benigna em peregrinação



Fonte: G1 CE (2022).

Na figura 1, se constata a configuração paisagística erguida pela história por meio do vestido poá; já as figuras 2 e 3 nos apresentam o fenômeno religioso por meio da historização do objeto geográfico. Para Rosendahl, os ex-votos são elementos para construção iconoclasta da paisagem: "Criado na vivência da fé, da fantasia e do imaginário popular, revela a iconografia fortemente marcada pela influência da religiosidade católica. Cada peça fala de uma história de vida, de uma aflição superada, de uma realidade" (Rosendahl, 2018, p. 106). Em uma leitura espacial religiosa, a paisagem nos túmulos dessas mulheres reflete proteção, memória e emoções. O primeiro conceito a ser trabalhado no objeto geográfico historicizado são as *paisagens cerimoniais*. Pela ótica de Fickeler (1999, p. 10, grifo nosso) são:

> O tipo de cerimonialismo pode estar associado a fenômenos externos e perceptíveis que servem ao culto — isto é, **lugares sagrados**, naturais ou artificiais, com toda sua riqueza de sons, cores, fragrâncias, números e orientações, flores, animais e homens (ou seja, o culto a santos) montanhas, corpos d'água, bosques, edifícios e **túmulos religiosos, lugares de peregrinação** e **paisagens cerimoniais** inteiras, atividades cultuais e **tráfego de peregrinos**.

As paisagens geradas pela presença dos fiéis e associadas a nossos grifos na fala do autor, são reflexos da influência no culto às beatas. Seja no Sul, Sudeste ou Nordeste brasileiro, os diferentes sotaques, vestimentas, clima, vegetação, etc., são elementos que,

CC BY

somados à memória, formatam essa construção paisagística, que na leitura de Torres (2013, p. 104–105):

> As paisagens da memória, portanto, constroem-se a partir das experiências, vivências e valores compartilhados pelas pessoas, o que abarca os processos que envolvem tanto o indivíduo, como também a coletividade. O espaço religioso é um dos espaços que proporcionam tais compartilhamentos, visto que nele os fiéis frequentadores compartilham experiências e memórias e atribuem sentidos e significados a elas, o que contribui para a construção da identidade do grupo de religiosos e da religião, e também para a construção da ideia de mundo, pois os fatos e momentos compartilhados no espaço religioso somam-se às demais experiências pessoais do cotidiano (.

Essas *paisagens de memória* são construções que atravessam o tempo, onde mulheres e pré-adolescentes mortas pelo torpe motivo de não cederem aos caprichos de homens cobertos de libertinagem geraram comoção popular. Seus túmulos refletem esse sentimento de pertencimento, comiseração e gestos simbólicos, como levar flores, acender velas ou pedir intercessão por meio de suas preces. Tudo isso reflete ao passado, tradição oral, crendice popular e configuram o paisagismo construído por memórias, como exibe a imagem 4.

Figura 4- Devotos no túmulo de Benigna



Fonte: Arquivo Pessoal de José Luiz e Ypsilon Felix (2021), El Pais (2021).

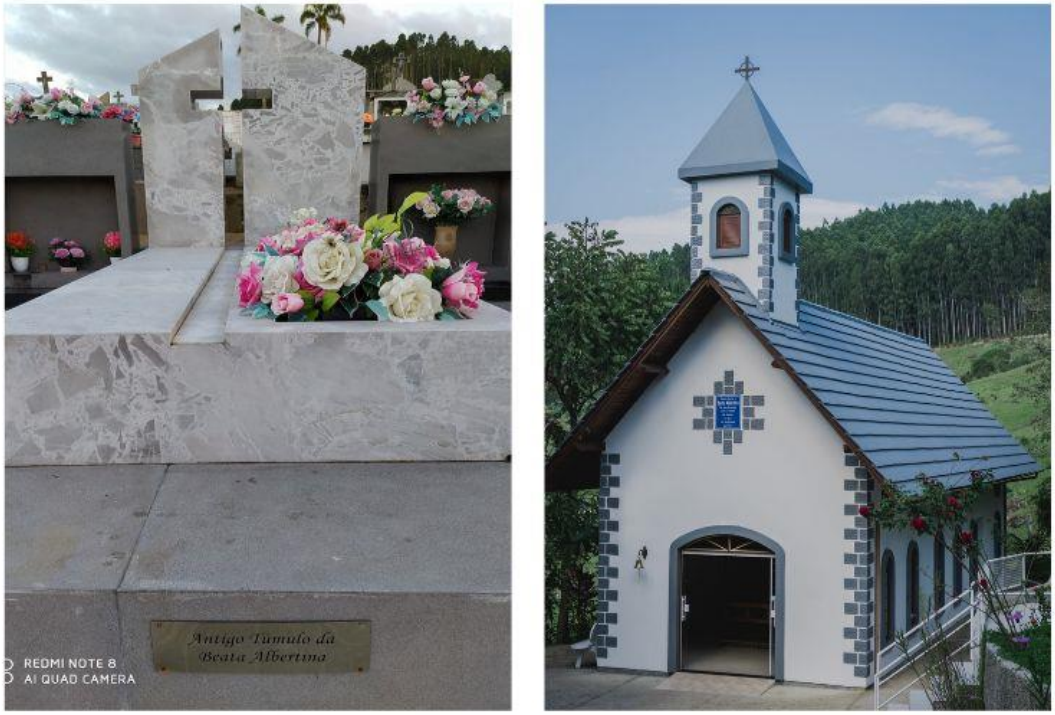
Outra leitura espacial é feita por meio das emoções. Para Silvia (2016, p. 133, grifo nosso), "em tempos e lugares particulares, há momentos em que as vidas são explicitamente vivenciadas pela dor, pelo luto, pela raiva, pelo amor e assim por diante" p. 105). Para a autora, em múltiplos lugares configura-se o espaço e "podemos citar experiências emocionais relacionadas com problemas psicológicos; lugares e emoções relacionados ao **luto**; o **turismo** e a **relação emocional** com os lugares" (p. 113, grifo nosso).

Desse modo, a paisagem configura-se por meio do luto, assim como do turismo religioso e da relação emocional à brutalidade da morte vivida pelas beatas brasileiras, que, realmente, se posiciona diferente de peregrinações a locais em que não ocorreu martírio, como o Santuário Nacional de Aparecida, em São Paulo, ou a Basílica Nossa Senhora das Dores, em Juazeiro do Norte, Ceará.

A motivação diferenciada dos fiéis organiza a paisagem dos locais de forma díspar, ligada exclusivamente ao contexto emocional, haja vista que "os lugares não são imóveis, pois viajam conosco através das emoções, que participam da nossa memória individual e coletiva" (Silva, 2016, p. 109).

No túmulo da beata Albertina, as memórias são bem latentes e modeladores externos da paisagem cerimonial proposta por Fickeler (1999). Em um espaço que pode ser percorrido a pé, encontra-se o seu antigo túmulo, a Capela do Martírio (figuras 5 e 6), memorial e o Santuário em sua memória (figuras 7 e 8). Esses espaços de reminiscências, orações, agradecimentos, pedidos ou simplesmente para conhecer a história da beata, é apresentado nas figuras a seguir.

Figuras 5 e 6- Antigo túmulo e Capela do Martírio



Fontes: Padre Auricélio Costa (2020) e Portal de Turismo de São Martinho (2018).

Figuras 7 e 8 – Memorial e Santuário de Albertina



Fontes: Portal A12 (2020) e Beata Albertina (2019).

Outros aspectos paisagísticos são localizados, recorrendo à semiologia, memória e do corpo. Christopher West (2004, p. 121) descreve, por um aspecto teológico, que "os mártires preferiram morrer a transgredir a lei de Deus". Essa parte emocional da configuração espacial tem ênfase na questão dos corpos:

> Para a geografia emocional, o corpo é o lugar dos sentimentos e da experiência, que são socialmente integrados, mas é no corpo que eles estão localizados. Embora embutida nas relações sociais, é em última análise pessoal: é a localização do sujeito psicológico […] O corpo tem o desafio de expressar as emoções (Silva, 2016, p. 113–114).

A leitura corporal é importante instrumental para compreender que são os corpos que reproduzem as emoções. Contudo, os corpos configuram o espaço visitando os templos, túmulos, depositando ex-votos e materializando o espaço, configurando a paisagem no descrito por Santos (1988), modelando a paisagem cerimonial de Fickeler (1999) e alimentando as memórias paisagísticas de Torres (2013). Os corpos expressam emoções pela percepção transpessoal com que os devotos se manifestam e expressam suas emoções. É por meio do corpo e da percepção transpessoal que a paisagem se constrói (Silva, 2016, p.114). Pierre Wiel (1999, p. 9, grifo do autor), com uma leitura psicológica do termo transpessoal, o classifica como:

> Um ramo da Psicologia especializada no estudo dos estados de consciência que lida mais especificamente com a "Experiência Cósmica" ou estados ditos "Superiores" ou "Ampliados" da consciência. Estes estados de consciência consistem na entrada numa dimensão fora do espaço-tempo tal como costuma ser percebida pelos nossos cinco sentidos. É uma ampliação da consciência comum.

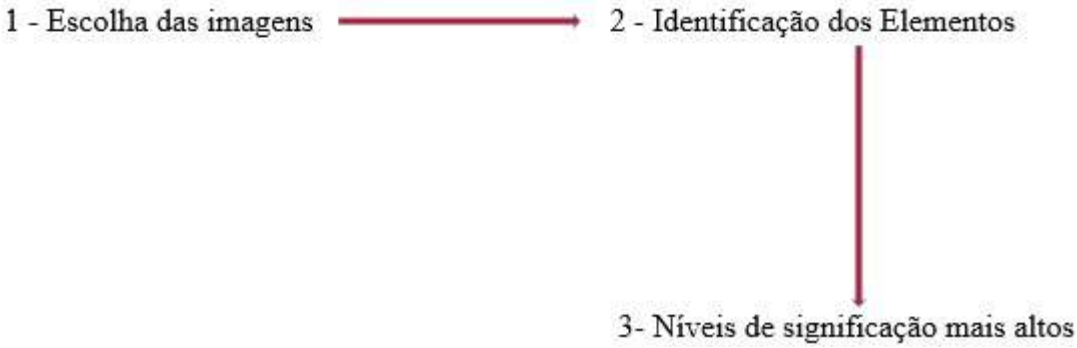
Comungante com Silva (2016) e Weil (1999), é por meio de uma experiência cósmica e estado ampliado de consciência que o devoto sente a presença do divino, dando uma identidade católica difusa do convencional às paisagens cerimoniais dos espaços devocionais das quatro beatas.

Nos casos de Lindalva e Isabel Cristina, por serem mais recentes e assassinadas brutalmente, dá às pessoas devotas uma aproximação maior à sua realidade, pois diariamente a sociedade é alimentada com notícias de jornais sensacionalistas que dão ênfase a casos diários de feminicídio.

A paisagem cerimonial e de memória refletida em Albertina e Benigna difere-se pelo fato de serem realizadas em outro período. Por serem muito jovens, apresentam uma atmosfera mais fraternal, munida de um paisagismo mais colorido e uma comoção com aspecto afetivo, exibido nas figuras 2 e 3.

Já Lindalva e Isabel Cristina apresentam um aspecto mais impactante. Os autores recorrem à semiótica para analisar a diferença paisagística das beatas. Penn (2008, p. 325-328) proferiu três estágios para estudo de imagens: o primeiro estágio está na seleção das imagens a serem analisadas; o segundo consiste na identificação dos elementos nela contidos e por fim, no terceiro estágio, os níveis de significação mais altos, conforme o esquema abaixo:

Figura 9: Estágios de análise semiológica de Penn



Org.: Os autores (2024).

Sendo assim, os elementos das imagens no estudo proposto por Penn (2008) foram aplicados ao objeto. No primeiro estágio, imagens foram selecionadas através da netnografia. Posteriormente, o segundo estágio foi identificar os elementos ali contidos que configuram a

paisagem cerimonial, e por fim, os níveis de significação mais altos. Primeiro, necessário partir do terceiro estágio de Penn (2008) com Albertina e Lindalva nas figuras 10 e 11:

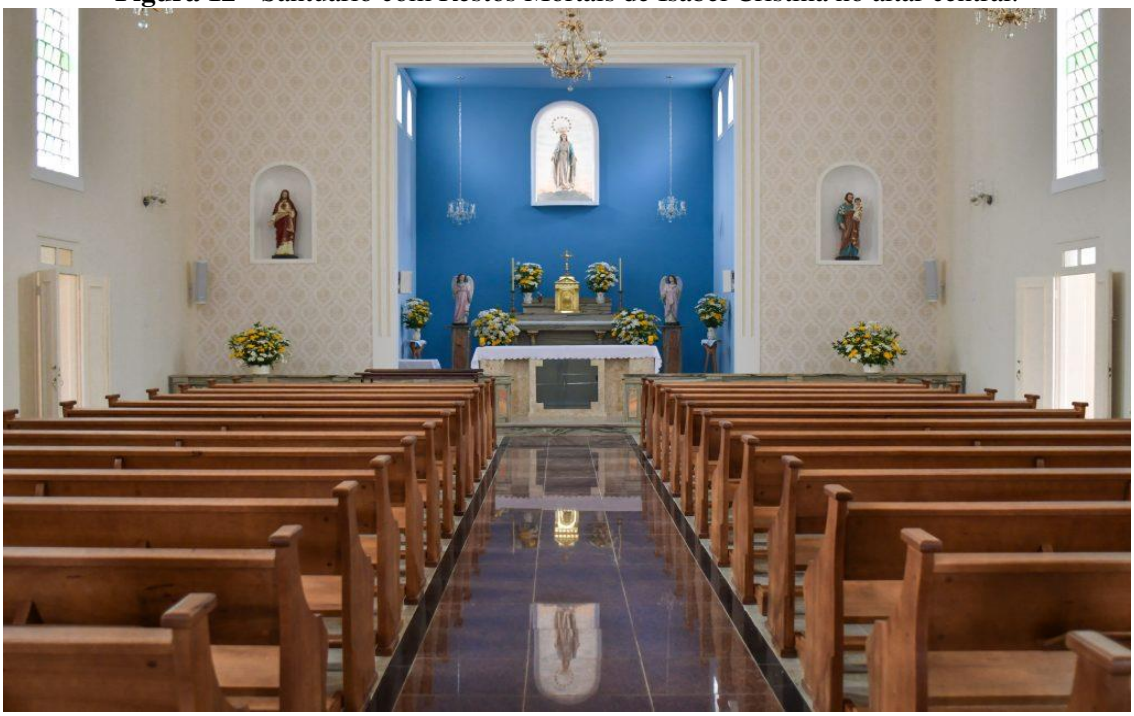
Figura 10 e 11 - Escultura de Beata Albertina e Capela das Relíquias da Beata Lindalva



Fontes: Sulinfoco (2014) e Arquidiocese de Salvador (2018).

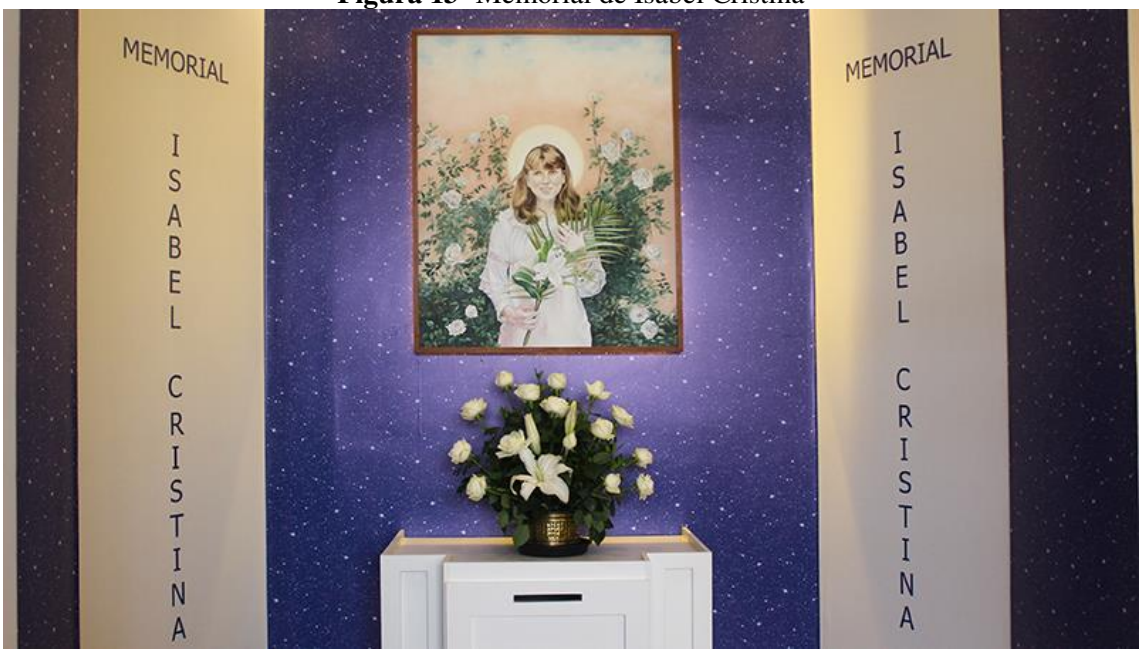
Albertina e seu vestido rosa mostram a delicadeza na escultura e o ar de uma inocente pré-adolescente, mesmo com o sangue causado pela ferida do algoz, que difere da paisagem cerimonial reproduzida acerca de Lindalva. Ela apresenta uma atmosfera mais fúnebre, como ocorre nas figuras 12 e 13 junto ao túmulo e memorial de Isabel Cristina:

Figura 12 - Santuário com Restos Mortais de Isabel Cristina no altar central.



Fonte: Paróquia e Santuário Nossa Senhora da Piedade Barbacena–MG (2023).

Figura 13- Memorial de Isabel Cristina



Fonte: Arquidiocese de Mariana (2022).

Na figura 11, que exibe Lindalva, apresenta algo mais obscuro, passando a ideia de um caixão lacrado, cuja representação de sua morte causaria extremo desconforto, e o mesmo ocorre com Isabel Cristina nas figuras 12 e 13, exibindo os níveis de significação mais altos.

O identitário católico provido das quatro beatas configura a paisagem através dos tempos idos. Albertina e Benigna são beatificações recentes, mas fruto de fatos históricos mais antigos. Já os casos de Lindalva e Isabel Cristina ganharam mídia impressa e televisiva,

estando mais próximos do cotidiano da sociedade contemporânea, que, como já frisamos, é conexa a uma função midiática municiada diariamente de notícias sensacionalistas.

Para conclusão do item, Silva (2016, p. 117)faz conexão com Torres (2013) citando que existe "relação das emoções com espaços e lugares de memória" ou seja, o espaço reproduz o emocional e se materializa com memórias, sejam elas fraternas ou impactantes.

Novas beatas?

Ao entrar em contato com o riquíssimo material e arejada área com múltiplas possibilidades de análise na Ciência da Religião, os autores do artigo conjecturam se novas beatas poderão surgir oriundas do mesmo contexto histórico-espacial. Para Prado e Silva Júnior (2014, p. 23):

> A História Religiosa, de caráter científico, surge, portanto, num cenário onde o olhar crítico e interpretativo do *novo*, do *diferente*, do *singular*, se consolida. Uma história de olhar atento às práticas e saberes de grupos perante a (des)ordem social. Uma história nova e disposta à reinterpretação, com estranheza, de fatos e verdades consolidadas, lançando outro olhar para o passado. Que busca a compreensão das práticas discursivas religiosas e do modo como essas linguagens são produzidas e articuladas. Que se atenta para os fenômenos escuros, reprimidos e marginais do campo religioso, buscando sua escala molecular, micro, etnológica, simbólica, escala essa bastante frequente em movimentos messiânicos e populares.

Os autores fazem menção ao novo, diferente e singular. Outro ponto importante está na fala dos fenômenos escuros, reprimidos e marginais, que, como já descrito na introdução, os estudos sobre *milagreiras* são amplos e multifacetados. Para esse item, foram analisados casos particulares que, embora não sejam beatas, existe o fenômeno no qual Prado e Silva Júnior (2013) alertam nós pesquisadores a estudar o novo, o que se diferencia, a singularidade.

Foram perqueridos dois destes casos obscuros: no dia 2 de julho de 1900, em Belém, capital do estado do Pará, a jovem Severa Romana Pereira teve a vida ceifada por recusar-se a se entregar aos caprichos sexuais de um homem com o dobro de sua idade. Maranhense de 19 anos, casada e grávida nos últimos períodos gestacionais, tinha como inquilino o cabo Antônio Ferreira dos Santos, o seu assassino, e de patente superior à de seu marido, o soldado Pedro de Oliveira, de 22 anos (DOL, 2021).

Imagem 14- Túmulo de Severa Romana no cemitério de Santa Isabel, em Belém, Pará

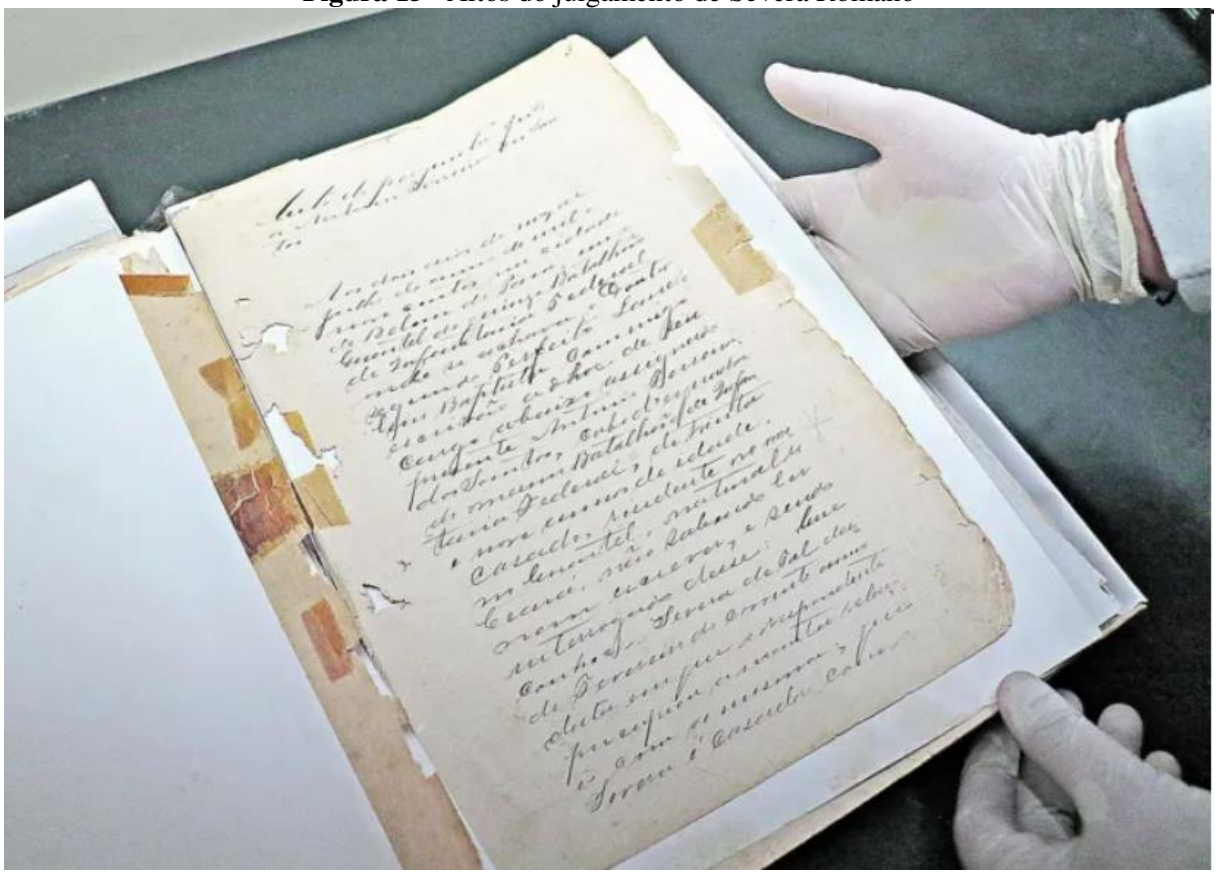


Fonte: Belém.com.br (2019).

No fatídico dia, o cabo forjou uma situação na qual o esposo de Severa, seu subordinado de patente inferior, teve que ficar no quartel cumprindo suspensão por algo que não havia realizado, mas acatou seu superior. Aproveitando-se do fato da jovem estar sozinha em casa, tentou manter relações sexuais abruptamente, até que, no momento de fúria por Severa resistir, Antônio desferiu contra ela golpes de navalha, matando-a pela gravidade dos ferimentos puntiformes (DOL, 2021).

O crime causou comoção popular, e após as investigações, as autoridades chegaram até o cabo Antônio, que posteriormente confessou o crime. Em sua defesa no tribunal, tentou difamar a vítima, porém, não logrou êxito, sendo condenado a 30 anos de reclusão. Porém não há registros de sua prisão no presídio São José, o qual foi encaminhado à carceragem após condenação (DOL, 2021). A figura a seguir ilustra parte dos autos do processo.

Figura 15 - Altos do julgamento de Severa Romano



Fonte: DOL (2021).

Há um processo arquivado para a beatificação de Severa Romana, que se iniciou em 1977 com o Arcebispo de Belém, Dom Alberto Gaudêncio Ramos, continuado na década de 1980 pelo Padre Vicente Schiena. Contudo, com o falecimento do sacerdote, em 1991, o processo de beatificação estagnou-se, onde a Santa Sé alegou falta de documentação para continuidade do processo, como sua certidão de batismo (Castro, 2018, p. 30).

O texto se inicia fazendo menção à Maria Amida Kammers, portanto, no item final do artigo, há menção honrosa sobre sua história e devoção. Em 25 de novembro de 1961, ela se tornou mais uma vítima da violência classificada como *feminicídio simbólico*. Nasceu em 14 de janeiro de 1941, no município de São Pedro de Alcântara, grande Florianópolis. Aos 16 anos, em busca de condições melhores de vida, muda-se para o limítrofe município de Santo Amaro da Imperatriz, vivendo com uma família em que seus pais tinham total confiança (Jochem, 2019).

Em 1960, é admitida na Pia União das Filhas de Maria, ordem religiosa formada por mulheres que, dentre outros aspectos, têm como prática comum preservar a castidade. Na noite do crime (25 de novembro), homens assaltaram o local onde trabalhava e invadiram o quarto da jovem, que teve introduzido em sua garganta um pano para não clamar por socorro

e teve o crânio dilacerado com um golpe de machado, onde em seu obituário consta morte por fratura múltipla do osso frontal.

Há duas possibilidades para sua morte: que tenha resistido à tentativa de estupro ou que foi assassinada por reconhecer um dos assaltantes, que cometeu a barbárie, evitando a testemunha ocular. O crime foi arquivado, mas dois suspeitos tiveram pontos de interrogação: um farmacêutico que assediava Maria Amida teve a morte forjada e com a ajuda do pai, o qual foi o médico legista de Maria Amida Kammers, fugiu, e o outro, cúmplice, por demência, foi internado em hospital psiquiátrico (Jochem, 2019).

Figura 16- Túmulo de Maria Amida Kammers no cemitério de Taquaras



Fonte: Franciscanos (2018).

Assim como Severa Romana, Maria Amida Kammers teve iniciado pedido de beatificação. Na ocasião dos 78 anos de seu natalício, em 13 de janeiro de 2019, houve missa com abertura da intenção de sua beatificação, presidida pelo Monsenhor Bartolomeu Borges (Jochem, 2019).

A indagação por futuras beatas, que dá o título deste item, dar-se-á não somente pelo semelhante assassínio de ambas com as beatas institucionalizadas junto à Igreja Católica, como também, pelo avançado do culto popular e pelo clero, que em nome de bispos, movimentaram ações para abertura de beatificação de ambas.

Dom Alberto Gaudêncio Ramos, primeiro arcebispo de Manaus e o sétimo de Belém à época, instituiu a Oração à Severa Romana (Castro, 2018, tal qual, no túmulo de Maria Amida Kammers há uma placa metálica contendo a *Oração Para Pedir Graças por Intercessão*, autorizada por Dom Wilson Tadeu Jönck, Arcebispo Metropolitano de Florianópolis. Na figura 16 é possível visualizá-la (placa) cercada de flores.

Observa-se outra particularidade nos casos deste item: embora existam processos de beatificação (Severa arquivada e Maria Amida Kammers em fase inicial), nota-se que a paisagem em ambos os espaços se difere das quatro beatas. Seu culto é marginal, em suas sepulturas onde jazem seus restos mortais de corpos feridos mortalmente. Não há translado para uma capela, paróquia ou santuário, e os devotos dividem o espaço sacralizado por sua fé junto de outras sepulturas, ou seja, as "milagreiras" estão junto dos fiéis e de corpos das pessoas "comuns". Para a Geografia da Religião, há duas leituras acerca das necrópoles:

> Os geógrafos focalizam suas interpretações de duas maneiras principais: a primeira considera os cemitérios como *fenômenos de utilização do espaço*, analisando os interesses tradicionais como fatores que influenciam a localização, o valor da terra urbana e a demanda que impõem sobre o espaço. Em outra abordagem, os geógrafos privilegiaram as forças culturais enquanto características que refletem os valores culturais e históricos do grupo estudado (Rosendahl, 2018, p. 39–40, grifo da autora).

Lendo o campo-santo na segunda abordagem proposta pela autora, em que os túmulos formam paisagens cerimoniais, como proposto por Fickeler (1999), e permeadas de memórias e emoções, como na leitura paisagística proposta por Torres (2013) e Silva (2016) respectivamente. Que, por sua vez, trazem os valores culturais que dialogam com a História Religiosa e o proposto por Prado e Silva Júnior (2014) de estudar o oculto no estudo da religião.

West (2004) foi enfático ao efetuar memória da importância do celibato. O artigo finaliza com sua fala acerca da luta para manutenção da castidade, resultante no culto a essas mulheres e às beatas mencionadas anteriormente.

> Os celibatários por causa do reino "passam por cima" do sacramento do matrimônio terreno, e antecipam a realidade celestial, isto é, o "casamento do Cordeiro". Se "não é bom que o homem fique sozinho", o celibato cristão revela que a plenificação máxima da solidão só pode fundar-se na união com Deus. Por isto a pessoa celibatária opta livremente pela "dor" da solidão nesta vida, para consagrar todos os seus desejos àquela união, a única capaz de satisfazer (West, 2004, p. 80, grifo do autor).

O autor enfatiza, principalmente nos grifos, a identidade católica na veneração às beatas, que futuramente, na abertura hipotética do caso de Severa e o avanço em Maria Amida Kammers, é possível imaginar novas beatas brasileiras em um futuro próximo.

Considerações finais

Por meio da Geografia da Religião e da História Religiosa, foram analisados os casos de beatificação de quatro brasileiras. Onde, nos muros das instituições, não há o debate sobre

o assassinato dessas mulheres, somente o culto à pureza de seus corpos, vencendo o pecado ao manter a castidade, onde foi encontrado na veneração uma maneira identitária católica no martírio.

Para isso, a pesquisa recorreu a conceitos como a configuração refletida na paisagem dos túmulos dessas mulheres, por meio do culto (cerimonia), memória (martírio simbólico) e emoções (devoção), dando a esses locais de peregrinação, sacralidade e estoque de sentimentos, tornando elementos que se materializam em paisagens ímpares.

Foram conjecturados os casos de Severa Romana e Maria Amida Kammers como expoentes de beatificações, devido ao avançado culto e potencialmente conexas à Igreja Católica. O objetivo do artigo é de aprofundamento no estudo dessas mulheres, onde outras áreas do conhecimento podem contribuir para que, esse estudo possa ter um corpo mais robusto, estudos empíricos e propor uma leitura religiosa acerca de túmulos e peregrinações a esses locais, uma área da Ciência da Religião carente de publicações.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Liliane de Oliveira; SILVA, Luy Zoppé; ABREU, Ivy de Souza. **Feminicídio no Brasil: A Cultura de Matar Mulheres**. Disponível em: https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/08/feminicidio-no-brasil-a-cultura-de-matar-mulheres.pdf. Acesso em: 16 ago. 2024.

CASTRO, Ruan Denner Gomes de. **Práticas de Preservação do Acervo de Obras Raras no Centro de Memória da Amazônia (CMA): O Caso Severa Romana.** Trabalho de Conclusão de Curso. Belém; Universidade Federal do Pará; 2018. 48f.

COSTA, Maicon. Isabel Cristina Mrad Campos Será Beatificada em Barbacena. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 23 jun. 2022. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2022/06/23/interna_gerais,1375514/isabel-cristina-mrad-campos-sera-beatificada-em-barbacena.shtml. Acesso em: 16 ago. 2024.

FICKELER, Paul. **Questões Fundamentais na Geografia da Religião.** Espaço e Cultura, UERJ, n.7, 1999, p.7-35.

HISTÓRIA de Santa Albertina. **Cruz Terra Santa**, São Paulo, 20 jul. 2012. Disponível em: https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-santa-albertina/59/102/. Acesso em: 16 ago. 2024.

JOCHEM, Toni. 50 Anos de um bárbaro crime em Santo Amaro da Imperatriz: Maria Amida Kammers — Martir da Virgindade? **Prefeitura de Águas Mornas**, Águas Mornas, 23 ago. 2012. Disponível em https://aguasmornas.sc.gov.br/uploads/1721/arquivos/1626709_hr0.pdf. Acesso em: 16 ago. 2024.

MINEIRA Isabel Cristina, que teve morte trágica há 40 anos, é beatificada. **G1**, Rio de Janeiro, 10 dez. 2022. Disponível em: https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/12/10/mineira-isabel-cristina-que-teve-morte-tragica-ha-40-anos-e-beatificada.ghtml. Acesso em: 16 ago. 2024.

NO Caminho da Canonização, Beata Lindalva Justo de Oliveira Recebe Homenagem de Devotos, em Salvador. **Arquidiocese de Salvador da Bahia**, Salvador, 3 jan. 2022. Disponível em: https://arquidiocesesalvador.org.br/no-caminho-da-canonizacao-beata-lindalva-justo-de-oliveira-recebe-homenagens-de-devotos-em-salvador/. Acesso em: 16 ago. 2024.

PENN, Gemma. Análise Semiótica de Imagens Paradas. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um Manual Prático**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 319-342.

PINUSA, Samuel. Menina Benigna: Conheça a História da Mártir que Vai Ser a Primeira Beata do Ceará e Quarta do Brasil. **G1 CE**, Fortaleza, 08 mai. 2022. Disponível em: https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2022/05/08/menina-benigna-conheca-a-historia-da-martir-que-vai-ser-a-primeira-beata-do-ceara-e-quarta-do-brasil.ghtml. Acesso em: 24 ago. 2023.

PRADO, André Pires do; SILVA JÚNIOR, Alfredo Moreira da. **História das religiões, história religiosa e ciência da religião em perspectiva: trajetórias, métodos e distinções**. Religare, v.11, n. 1, 2014, p. 4-31.

ROSENDAHL, Zeny. **Uma procissão na geografia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, 407p.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. reimpr. — São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, 259p.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teórico e Metodológico da Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988, 124p.

SEVERA Romana: conheça o mito e a realidade da santa popular. **DOL**, Belém, 12 dez. 2021. Disponível em: https://dol.com.br/noticias/para/687336/severa-romana-conheca-o-mito-e-a-realidade-da-santa-popular?d=1. Acesso em: 16 ago. 2024.

SILVA, Marcia Alves Soares da. **Por Uma Geografia das Emoções**. GEOGraphia, Ano 18, n. 38, 2016, p. 99–119.

SILVA, Miriam Lourdes Impellizieri Luna Ferreira da. **Santidade Franciscana e Cultos Citadinos na Itália Medieval: O Caso de Assis**. In: História da Historiografia Religiosa. BUARQUE, Virgínia A. Castro (org.). Ouro Preto, EDUFOP/PPGHIS, 2012, p.189–200.

TORRES, Marcos Alberto. **As Paisagens da Memória e a Identidade Religiosa**. RA'E GA n. 27. Curitiba, Departamento de Geografia — UFPR, 2013, p 94–110.

USARSKI, Frank (Org.). **O Espectro Disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007, 312p.

WEIL, Pierre. **Lágrimas de Compaixão e a Revolução Silenciosa Continua**. São Paulo: Pensamento, 1999, 248p.

WEST, Christopher**. Teologia do Corpo Para Iniciantes: Uma Introdução Básica à Revolução Sexual por João Paulo II**. Trad. Cláudio A. Casasola. Porto Alegre: Myrian, 2004, 162p.